

RESGATE DO CONCEITO HEBRAICO DE PARÁBOLA E SEU USO NO MINISTÉRIO DE JESUS¹

Thiago Bernardo Fernandes e Faria²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a ampliação do conceito de parábola dentro do contexto hebraico do ministério de Jesus. O enfoque será a análise sobre a natureza e propósito das parábolas. Isso é relevante, pois aproximadamente um terço do ensino de Jesus registrado pelos evangelhos foi feito por parábolas (HUNTER, 1964, p. 7). Dodd (1974, p. 13) diz que as parábolas são o elemento mais característico no ensino de Jesus registrado nos evangelhos. Se isso é verdade, precisamos compreender que ensino era esse e como funcionava, para fazermos a ponte com a nossa realidade atual.

Palavras-chave: parábolas de Jesus, ensino de Jesus, histórias.

ABSTRACT

This paper seeks to present the differentiation between the concepts of greek and hebrew parable. The hebrew understanding of nature shows that the parable has much more prominence within the ministry of Jesus than the greek concept of illustration that we have. From this context, an analysis of the use and purpose of the parable, which can contribute to broaden the understanding of the content, the form of teaching and application of Jesus teaching.

Keywords: Jesus parables, Jesus teach, stories.

INTRODUÇÃO

Este trabalho terá o objetivo de mostrar a ampliação do conceito de parábola dentro do contexto hebraico do ministério de Jesus. O enfoque será a análise sobre a natureza e propósito das parábolas. Isso é relevante, pois aproximadamente um terço do ensino de Jesus registrado pelos evangelhos foi feito por parábolas (HUNTER, 1964, p. 7). Dodd (1974, p. 13) diz que as parábolas são o elemento mais característico no ensino de Jesus registrado nos evangelhos. Se isso é verdade, precisamos compreender que ensino era esse e como ele funcionava para fazermos a ponte com a nossa realidade atual.

Conceito grego de parábola

“Parábola” provém da palavra grega *parabole*, que é uma palavra composta que significa literalmente “colocar de lado” (CHEUNG, 2003, p. 4). No uso bíblico, parábola é o contraste ou comparação entre uma realidade natural com uma verdade espiritual (CHEUNG, 2003, p. 4). Podemos ver essa comparação de forma clara na fala de Jesus, quando introduz várias parábolas com a expressão “O Reino de Deus é comparado a [...] (Mc 4.26)”. Para Manson (1965, p. 74), um dos maiores obstáculos para a boa compreensão das parábolas de Jesus são as ideias que muitos fazem da sua natureza. Para boa parte das pessoas, as parábolas são comparadas às ilustrações, muito usadas nas pregações nas igrejas. Ele acredita que isso acontece devido ao entendimento ocidental e grego da palavra parábola. Segundo ele, *o locus classicus* para a noção ocidental de parábola encontra-se em Aristóteles, na Retórica II, XX, 2-4, que Cope comenta da seguinte maneira:

parábola é justaposição, isto é, colocação de uma coisa ao lado de outra com a finalidade de comparação e ilustração; indicação de casos paralelos ou análogos; é o caso do argumento da analogia [...] Aristóteles distingue parábola em geral da fábula dizendo que a primeira descreve relações humanas, com o que as parábolas do N.T. concordam; inventa casos análogos que não são históricos, mas sempre verossímeis, isto é, sempre prováveis e correspondendo ao que de fato ocorre na vida real. (COPE apud MANSON, 1965, p. 74).

Se toda parábola fosse dessa forma, não se teria dificuldade para compreendê-las. Se seu alvo fosse basicamente esclarecer uma ideia obscura ou ajudar os ouvintes a entenderem uma série de raciocínios abstratos que fossem difíceis de entender, então a parábola seria algo muito simples e convincente (MANSON, 1965, p. 75). Essa é justamente a ideia que “uma inteligência formada pelos processos ocidentais de pensamento faz das parábolas

da Bíblia” (MANSON, 1965, p. 75). Essas ideias nos foram transmitidas pelas clássicas teorias da retórica.

Essa ideia tem fundamento. Quando lemos algumas parábolas como a do *Bom Samaritano* (Lucas 10.25-37), percebemos que ela toma um exemplo concreto para exemplificar um princípio geral. Quando observamos a parábola da *Ovelha Perdida* (Lucas 15:3), por exemplo, vemos que se estabelece uma analogia com as atividades humanas para indicar condições nos lugares celestiais: “Digo-vos que no céu haverá mais alegria por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento (Lucas 15:7)”.

Entretanto, quando avaliamos com maior atenção as parábolas dos evangelhos, percebemos que nem todas se encaixam nessas categorias, e, mesmo as que se encaixassem, tem características muito mais amplas do que o conceito grego impõe. Para Price (2008, p.121), há três objetos que podemos alcançar por meio de histórias no ensino: o primeiro está em prender a atenção do aluno, o segundo está em usar histórias para lançar luz sobre algum princípio ou verdade abstrata já enunciada e o terceiro está em usar as histórias para apresentação do ensino todo. Avaliando essa classificação de Price, percebemos que o conceito grego se encaixa mais nos dois primeiros objetos. Entretanto, veremos a partir de agora que do ponto de vista hebraico, a parábola também envolve o terceiro objeto e ainda vai além.

Conceito hebraico de parábola

A história das formas teve um papel fundamental na tarefa de prosseguir com o estudo das parábolas, classificando as parábolas em categorias. Foi feita a distinção entre metáfora, comparação, parábola, semelhança, alegoria e exemplos. Entretanto, apesar de tudo isso, para Jeremias (2007, p. 13) esse esforço foi em vão. Quando estudamos a semântica da palavra parábola na língua hebraica/ aramaica, vemos que elas abrangem todas estas categorias e ainda outras, que vamos trabalhar nesse capítulo, sem distinção. As pesquisas da história das formas não trouxeram contribuições fecundas no campo da pesquisa das parábolas (JEREMIAS, 2007, p.14). Jeremias (2007, p.13) afirma que “seria impor às parábolas de Jesus uma norma que lhes é estranha querer força-las a entrarem no quadro das categorias da retórica grega”.

O problema de entender o conceito de parábola prioritariamente pelo prisma grego, é que Jesus se situa num contexto predominantemente judaico

no qual a ideia de parábola já estava estabelecida. Para não incorreremos nesse erro, precisamos voltar ao Antigo Testamento (AT) e perceber o que significa parábola para o povo hebreu e sua literatura.

A palavra parábola é usada na *Septuaginta*³ para traduzir o substantivo hebraico *mashal* ou o verbo *mashal*. A forma aramaica equivalente de *mashal* é *methal*, que se modificou para *mathla* (MANSON, 1965, p. 76). O termo *mashal* tem uma variedade enorme de sentidos e somente um número muito pequeno de casos no AT corresponde ao que entendemos por parábola no conceito grego. A partir do hebraico, então, não há uma classificação formal da palavra parábola:

O *mashal* hebraico e o *mathla* aramaico designava, mesmo no judaísmo pós-bíblico, sem que se possa fazer um quadro esquemático, toda sorte de linguagem figurada: parábola, comparação, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, dito enigmático, pseudônimo, símbolo, figura de ficção, exemplo (tipo), motivo, argumentação, apologia, objeção, piada (JEREMIAS, 2007, p. 13).

Manson (1965, p. 77) divide didaticamente o uso e conceito de *mashal* em dois tipos. O primeiro é quando o termo pode significar breves sentenças de sabedoria popular, máximas mortais, e provérbios em geral. Exemplo disso são os provérbios do Livro de Provérbios, e textos do evangelho como: “[...] Médico, cura-te a ti mesmo (Lucas 4:23)”, que é inclusive chamado de provérbio pelo próprio texto. O segundo tipo de *mashal* nas Escrituras hebraicas não tem correspondente nos ensinamentos de Jesus (MANSON, 1965, p. 77). Alguns exemplos são: Deuteronômio. 28.37 e Salmos 44. 15. Esse tipo mostra algo em particular que é tomado como exemplo para desprezo e desrespeito. O desenvolvimento desse tipo de *mashal* é a ideia do “cântico de escárnio”, como, por exemplo, Miquéias 2.4 e Isaías 14.4.

Os exemplos que temos no AT de parábolas que se assemelham ao conceito de parábolas que encontramos no Novo Testamento são apenas nove, segundo Manson (1965, p. 79): *A Cordeira*: 2 Samuel 12.1-14; *Os dois irmãos e os vingadores do Sangue*: 2 Samuel 14.1-11; 3; *O prisioneiro foragido*: 1 Reis 20.35-40; *A vinha e as uvas*: Isaías 5.1-7; 5; *As águias e a vinha*: Ezequiel 17.3-10; *Os leõezinhos*: Ezequiel 19.2-9; *A videira*: Ezequiel 19.10-14; *O incêndio do bosque*: Ezequiel 21.1-5; 9; *A panela a ferver*: Ezequiel 24.3-5.

Manson (1965, p. 79) classifica essas parábolas do AT em duas categorias diferentes, que as chama de *ad hominem*¹ e *ad rem*². Os casos de 2 Samuel e 1 Reis se encaixam na primeira categoria e os demais na segunda. *A Parábola da Cordeira* é um exemplo do tipo *ad hominem*, pois o narrador da

parábola busca conscientizar Davi sobre o que ele fez e convencê-lo do seu pecado. As parábolas de Ezequiel são um exemplo do tipo *ad rem*, pois o profeta prevê acontecimentos futuros.

Podemos então relacionar os dois tipos de parábolas com as duas principais categorias de *mashal*: a parábola *ad hominem* corresponde ao *mashal* como provérbio, e a parábola *ad rem* ao *mashal* como sentença de sabedoria popular. No provérbio é a imaginação popular que extrai da experiência comum um caso particular e o transforma num tipo de modo de viver e de suas consequências. Com a parábola *ad hominem* acontece o mesmo, com a diferença de que o caso típico não é achado, mas criado de propósito pelo parabolista (MANSON, 1965, p. 80). No provérbio, o exemplo escolhido como tipo de conduta é tirado da vida real – uma pessoa, ou povo, ou classe; na parábola, o exemplo é uma obra de arte, uma peça de ficção ideada ou inventada para servir como caso típico.

Quando a visão profética é acrescentada à “sagacidade humana” surge a parábola *ad rem*. Dessa forma, as induções decorrentes da experiência humana que criam os provérbios dão lugar às deduções de natureza divina. “As ligações entre o caráter e a conduta, a vida e o destino não decorrem apenas da observação de uniformidade da natureza, mas de decretos da Providência de Deus (MANSON, 1965, p. 80)”.

Toda parábola tem, então, dois sentidos: o seu próprio sentido como história e outro sentido ulterior, que, segundo Manson (1965, p. 81) é o mais importante, o qual se refere a pessoas ou acontecimentos ou a ambos juntos. É possível que o ouvinte ouça e aprecie o primeiro sem ter a menor percepção do segundo.

Assim, por exemplo, na *Parábola da Cordeira*, Davi foi capaz de compreender a história em todas as minúcias e formulou, com toda a sinceridade, um juízo contra a sua figura principal. Foi só quando o profeta proferiu o dramático: “Você é esse homem (II Samuel 12:7)”, que o rei percebeu a que se referia. Uma parábola pode, então, ser perfeitamente inteligível em si mesma e, entretanto, a sua aplicação ficar oculta aos ouvintes.

Podemos, portanto, à luz do uso que da parábola faz o AT, dizer o seguinte acerca do seu emprego nos evangelhos: parábolas é uma criação literária do gênero narrativo designada a retratar um certo tipo de caráter como advertência ou exemplo, ou a ilustrar um princípio da maneira de Deus dirigir o mundo e os homens. Pode participar das duas naturezas simultaneamente (MANSON, 1965, p. 81).

Snodgrass (2012, p. 32), no entanto, critica um ponto dessa definição de Manson, dizendo que nem todas as parábolas são narrativas no sentido técnico. De qualquer forma, o objetivo inicial da história é ser compreendida de maneira fácil e ser atraente; mas o objetivo maior é estimular a consciência e/ou acordar a visão religiosa dos ouvintes (MANSON, 1965, p. 81). A história deve tornar Deus e a realidade espiritual reais para o homem, de tal forma que leve o ouvinte a tomar uma decisão diante dessa história. O que se espera é que ele olhe para si mesmo, se arrependa e se aproxime de Deus.

Dessa forma, o conceito inicial da parábola como uma simples ilustração no sermão com o objetivo de transpor alguma abstrata proposição de ética para os menos instruídos, parece perder força e se torna muito restrito. A parábola também é Palavra de Deus. A eficiência da parábola depende não apenas da sua característica ilustrativa, mas principalmente da reação daqueles a quem foi dirigida. A força, por exemplo, da *Parábola da Cordeira* está na resposta de Davi, uma indignação diante do que foi contado. A partir disso é que se pode prosseguir com a transformação que a parábola quer provocar. Manson (1965, p. 82) afirma que para “a parábola alcançar seu objetivo é preciso que haja ouvidos para ouvir, olhos para ver e coração para compreender”, apontando para o texto de Marcos 4.11.

Propósito e funcionamento da parábola

As parábolas são histórias com propósitos. Elas foram o meio mais utilizado por Jesus para explicar o Reino de Deus e apresentar tanto o caráter de Deus, quanto as suas expectativas acerca da humanidade. As parábolas de Jesus pressupõem o reino que elas buscam revelar (SNODGRASS, 2012, p. 25). Na análise do conteúdo dos evangelhos sinóticos feita por Manson (1965, p. 36), ele chega a conclusão de que Jesus não usou um único modo de ensinar. O tratamento e a forma eram diferentes para os escribas e fariseus, aos discípulos e às multidões.

Esses três grandes grupos teriam modos diferentes de falar e de se relacionarem com Jesus. O assunto e o método de Jesus estavam condicionados à natureza do auditório (MANSON, 1965, p. 37). Aos líderes religiosos Jesus se dirigia de uma maneira crítica que questionava sua forma de pensamento e ação. Para as multidões Jesus trazia um ensino, como o Sermão do Monte; mas elas muitas vezes estavam mais interessadas nos sinais e milagres do que na mensagem (João 6.26).

Podemos descrever a parábola como uma obra de arte, não a restringindo apenas a isso, pois seria uma simplificação da sua função (SNODGRASS, 2012, p. 25), mas a compreendendo como um quadro em palavras de algum trecho da experiência humana, concreto ou imaginado (MANSON, 1965, p. 95). Esse quadro retrata ou um tipo ético para nossa admiração ou reprovação, ou algum princípio da maneira de Deus dirigir o mundo, ou ainda as duas coisas ao mesmo tempo.

A parábola espelha a compreensão e a experiência religiosa do seu Criador. O seu objetivo é provocar a reflexão sobre estas coisas naqueles a quem se dirige; penetrar a casca da autossuficiência e dos cuidados e interesses do mundo até encontrar o homem essencial; acordar a consciência adormecida, desviar a afeição a coisas que mudam e passam para coisas que tem a qualidade do que é eterno; enfim, levar ao arrependimento e à fé (MANSON, 1965, p. 95).

Podemos dizer a partir disso que a parábola convoca o ouvinte a uma vida melhor e à confiança em Deus. Para que a parábola seja eficaz, é preciso que encontre certa reação naquele que a ouve, e essa reposta na prática, separa os que poderão entender melhor a mensagem da parábola daqueles que continuarão no mesmo estado de compreensão. Para Manson (1965, p.95), a parábola assume, assim, o caráter de teste que determina quem serão os discípulos.

O mestre criou muitas parábolas, breves e longas, de tipos diferentes, dirigidas a toda sorte de pessoas, escribas e advogados, seus próprios discípulos e as grandes multidões. Todas, porém, submissas a um único propósito: mostrar, direta ou indiretamente, quem é Deus, e que pode o homem vir a ser, e mostrar estas coisas de tal maneira que, se for possível, atinjam os corações dos homens. E quando avaliamos tudo isso, notamos que a maior e mais eficiente de todas as parábolas é a própria vida de Jesus. (MANSON, 1965, p. 96).

Quando avaliamos a natureza da parábola sobre esse prisma, percebemos que assim como uma obra de arte pode gerar em nós respostas além do racional-lógico, a parábola também impacta o ouvinte no aspecto afetivo e emocional (SNODGRASS, 2012, p. 23). A mensagem de Jesus impacta o ouvinte de uma maneira mais ampla, possibilitando uma resposta mais efetiva do ser humano. Snodgrass (2012, p. 23) explica que, enquanto um discurso desperta em nós uma reação de tolerância, a história prende nossa atenção. Elas não têm um único propósito; elas podem divertir, informar, envolver, motivar, autenticar e refletir a existência. Ao criar um mundo narrativo, as histórias estabelecem um universo irreal e controlado. O autor nos abduz e nos fala

da realidade existente naquele mundo da sua narrativa, do que ali acontece e dos porquês dos acontecimentos. Ela leva o interlocutor a pensar, mas apela à inteligência através da imaginação.

Para Snodgrass (2012, p. 24), as histórias representam alguns dos poucos momentos em que temos a chance de vislumbrar a realidade, pelo menos a realidade criada pelo autor. Nelas podemos, de uma forma que seria impossível na vida real, discernir os motivos, avaliar os papéis e ações das pessoas. Snodgrass (2012, p. 24) afirma que “o contador de histórias assume o controle de tal forma que somos forçados a ver as coisas por novos ângulos e se torna impossível escapar da mensagem”. Os ouvintes se tornam “cúmplices voluntários”, mesmo que a mensagem seja para eles hostil. A partir desse “outro mundo” somos convidados a compreender, a avaliar e, ao que se espera, redirecionar as nossas vidas. Para Snodgrass (2012, p. 24), depois das nossas experiências pessoais, as histórias são a forma mais rápida de aprendermos.

Snodgrass (2012, p. 24) afirma que a forma mais fácil de aprendermos é a partir do mundo concreto. Segundo ele, teríamos muito mais êxito no ensino e na pregação, se revestíssemos aquilo que é abstrato com base nas experiências e nas histórias concretas, exatamente como fez Jesus. Uma história nos leva para um mundo de narrativa no qual existe um desenvolvimento, uma estruturação e uma solução. Entretanto, como pontua Snodgrass (2012, p. 24), uma parábola é muito mais do que uma simples história; no seu sentido mais amplo se refere a uma analogia expandida. São comparações ou contrastes que são utilizados para explicar ou convencer.

Jeremias (2007, p. 24) nos chama atenção para o fato de que as parábolas são tomadas de vida, e um grande número delas apresenta traços incomuns, que têm a função de suscitar a atenção dos ouvintes. Não é um procedimento de todos os dias o fato de que as moças que esperam o esposo adormeçam todas juntamente (Mt 25.5) ou que o esposo recuse dar acesso à festa do casamento aos que chegam tarde (Mt 25.12). Esses exageros drásticos fazem parte do estilo oriental de narrar até os dias de hoje, e sua acentuada presença nas parábolas evidencia que Jesus propositadamente aderiu a eles (JEREMIAS, 2007, p.24). Sua pretensão é, através do elemento de surpresa que várias parábolas contêm, mostrar em que direção deva caminhar a interpretação, o que se pode ver de modo especialmente claro na parábola do *Servo infiel* (Mt 18:23s). A soma fantástica que o servo deve (cem milhões de denários) foi colocada de forma proposital para impressionar o leitor através de uma estratégia que Jeremias (2007, p. 25) chamou de *shock tactics*. Essa

estratégia, que poderíamos traduzir como táticas de impacto, provoca uma mudança no ponto de percepção do ouvinte, fazendo-o repensar a questão sobre um prisma novo e pode levá-lo a tomar alguma atitude a respeito disso.

Considerações Finais

O conceito de parábola na ideia hebraica de *mashal* nos dá uma compreensão mais ampla sobre sua natureza e um entendimento mais preciso sobre o uso feito por Jesus em seu ensino. É significativa a diferença entre o que entendemos hoje como ilustração e o *mashal* no ministério de Jesus. A capacidade de Jesus de provocar a reflexão e mudança nas pessoas através de histórias com propósitos nos faz pensar sobre como é nosso ensino hoje. Diferentemente da forma de Jesus, nossas ferramentas de convencimento ocidentais são extremamente lógicas, racionais e discursivas. Com isso, perdemos a intensidade de um ensino como o de Jesus que, muito mais que uma ferramenta, era uma forma de experiência religiosa. Como diz Jeremias (2007, p. 229) de forma sintética, “se tentarmos reobter o tom original das parábolas, então, sobretudo uma coisa fica clara: todas as parábolas de Jesus forçam o ouvinte a tomar posições perante Jesus e sua missão”.

Nosso desafio é aprender com esse ensino de Jesus e procurarmos formas de resgatar tudo o que pudermos dessa maneira de provocar o efeito que as parábolas provocavam nos seus ouvintes. O contexto cultural é diferente, as pessoas são diferentes, os temas, símbolos e imagens são diferentes. Entretanto, o ser humano permanece o mesmo, atento por uma história que lhe faça sentido; e a força da mensagem do Reino permanece irresistível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AD HOMINEM. Disponível em: <<http://www.dicionariodelatim.com.br/ad-hominem/>>. Acesso em 14 de novembro de 2012.
- AD REM. Disponível em: <http://www.dicionariodelatim.com.br/busca.php?search=ad+rem>>. Acesso em 14 de novembro de 2012.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada 1993. Barueri: SBB, 1993.
- CHEUNG, Vicent. *As parábolas de Jesus*. Boston: Reformation Ministries International, 2001.
- DODD, C.H. *Las parábolas del reino*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1974.
- HUNTER, A.M. *Interpreting the parables*. 2 ed. London: SCM Press LTD, 1964.
- JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 10 ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- MANSON, T. W. *O Ensino de Jesus*. São Paulo: ASTE, 1965.
- PRICE, J.M. *A pedagogia de Jesus*. Rio de Janeiro: SABRE, 2008.
- SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

¹ Esse artigo é uma síntese de um dos capítulos do trabalho de conclusão de curso de bacharel em teologia apresentado pelo mesmo autor à FTBSP.

² Thiago Faria é Bacharel em administração, Bacharel em Teologia e mestrando em Teologia.

³ *Septuaginta* é o nome da versão da Bíblia hebraica para o grego koiné, traduzida em etapas entre o terceiro e o primeiro século a.C. em Alexandria.

³ *ad hominem* significa literalmente "ao homem", mas pode ser entendido como a abreviação de *argumentum ad hominem*, que é um argumento feito pessoalmente contra um adversário, em vez de contra o argumento do adversário (AD HOMINEM, 2012).

⁴ *ad rem* significa "à coisa". Argumento que atinge o âmago da questão (AD REM, 2012).